

## PHYSICAL EDUCATION AND ASD: INCLUSION, CHALLENGES AND TEACHING STRATEGIES

RANIESE DE JESUS FERREIRA DE MOURA  
GLADYS ALVES SILVA GARCIA  
ANA VITÓRIA SOUSA MOTA  
GUSTAVO REIS DE CARVALHO PEREIRA  
MARIANY SILVA SANTOS  
STELLA SANTOS DE OLIVEIRA

Universidade Estadual do Piauí (UESPI), Floriano, Piauí, Brazil, [raniesemoura@gmail.com](mailto:raniesemoura@gmail.com)

### Abstract

**Introduction:** Autism Spectrum Disorder (ASD) is characterized by difficulties in communication, social interaction, and restrictive and repetitive behaviors. In the school context, the inclusion of students with ASD imposes significant challenges on teachers, especially in Physical Education classes, which require specific pedagogical adaptations. The absence of adequate training and institutional support compromises the effectiveness of the inclusive process. **Objective:** The general objective of this study was to report the difficulties encountered by teachers when promoting inclusive activities in Physical Education classes.

**Methods:** The methodological approach used is qualitative research of exploratory descriptive nature, where a questionnaire was used as a data collection instrument, applied to physical education teachers in the municipal network of Floriano - PI. **Results:** Most teachers do not have specific training on ASD, which compromises their pedagogical practices. The lack of technical support, adequate physical structure and adapted pedagogical materials was also identified. In addition, teachers reported difficulties in promoting the effective participation of students with ASD in physical activities. **Conclusion:** It is concluded that the inclusion of students with ASD in Physical Education classes still presents significant obstacles, mainly due to the absence of continuing education and institutional support. The need for teacher training and integrated actions between school, family and public authorities for the effectiveness of a truly inclusive education is also highlighted.

**Keywords:** Physical education, special education, autism spectrum disorder, inclusion difficulties.

## EDUCACIÓN FÍSICA Y TEA: INCLUSIÓN, RETOS Y ESTRATEGIAS DIDÁCTICAS

### Resumen

**Introducción:** El Trastorno del Espectro Autista (TEA) se caracteriza por dificultades en la comunicación, la interacción social y conductas restrictivas y repetitivas. En el contexto escolar, la inclusión de estudiantes con TEA impone importantes desafíos a los docentes, especialmente en las clases de Educación Física, que requieren adaptaciones pedagógicas específicas. La falta de capacitación adecuada y de apoyo institucional compromete la eficacia del proceso inclusivo. **Objetivo:** El objetivo general de este estudio fue reportar las dificultades encontradas por los docentes al promover actividades inclusivas en las clases de Educación Física. **Métodos:** El enfoque metodológico utilizado es una investigación cualitativa de carácter exploratorio descriptivo, donde se utilizó como instrumento de recolección de datos un cuestionario, aplicado a profesores de educación física de la red municipal de Floriano - PI. **Resultados:** La mayoría de los docentes no tienen formación específica sobre TEA, lo que compromete sus prácticas pedagógicas. También se identificó

la falta de apoyo técnico, de estructura física adecuada y de materiales pedagógicos adaptados. Además, los docentes reportaron dificultades para promover la participación efectiva de los estudiantes con TEA en las actividades físicas. **Conclusión:** Se concluye que la inclusión de estudiantes con TEA en las clases de Educación Física aún presenta obstáculos significativos, principalmente por la ausencia de formación continua y apoyo institucional. También se pone de relieve la necesidad de formación del profesorado y de acciones integradas entre la escuela, la familia y los poderes públicos para la eficacia de una educación verdaderamente inclusiva.

**Palabras clave:** Educación física, educación especial, trastorno del espectro autista, dificultades de inclusión.

## ÉDUCATION PHYSIQUE ET TSA: INCLUSION, DÉFIS ET STRATÉGIES PÉDAGOGIQUES

### Abstrait

**Introduction:** Le trouble du spectre autistique (TSA) se caractérise par des difficultés de communication, d'interaction sociale et des comportements restrictifs et répétitifs. Dans le contexte scolaire, l'inclusion des élèves ayant unTSA impose des défis importants aux enseignants, notamment dans les cours d'éducation physique, qui nécessitent des adaptations pédagogiques spécifiques. L'absence de formation adéquate et de soutien institutionnel compromet l'efficacité du processus inclusif. **Objectif:** L'objectif général de cette étude était de rendre compte des difficultés rencontrées par les enseignants lors de la promotion d'activités inclusives dans les classes d'éducation physique. **Méthodes:** L'approche méthodologique utilisée est une recherche qualitative de nature descriptive exploratoire, où un questionnaire a été utilisé comme instrument de collecte de données, appliqué aux enseignants d'éducation physique du réseau municipal de Floriano - PI. **Résultats:** La plupart des enseignants n'ont pas de formation spécifique sur les TSA, ce qui compromet leurs pratiques pédagogiques. Le manque de soutien technique, de structure physique adéquate et de matériel pédagogique adapté a également été identifié. De plus, les enseignants ont signalé des difficultés à promouvoir la participation efficace des élèves atteints de TSA aux activités physiques. **Conclusion:** Il est conclu que l'inclusion des élèves ayant unTSA dans les cours d'éducation physique présente encore des obstacles importants, principalement en raison de l'absence de formation continues et de soutien institutionnel. La nécessité de former les enseignants et d'actions intégrées entre l'école, la famille et les pouvoirs publics pour l'efficacité d'une éducation véritablement inclusive est également soulignée.

**Mots-clés:** Éducation physique, Éducation spécialisée, Trouble du spectre de l'autisme, Difficultés d'inclusion.

## EDUCAÇÃO FÍSICA E TEA: INCLUSÃO, DESAFIOS E ESTRATÉGIAS DOCENTES

### Resumo

**Introdução:** O Transtorno do Espectro Autista (TEA) caracteriza-se por dificuldades na comunicação, interação social e comportamentos restritivos e repetitivos. No contexto escolar, a inclusão de alunos com TEA impõe desafios significativos aos professores, especialmente nas aulas de Educação Física, que exigem adaptações pedagógicas específicas. A ausência de formação adequada e suporte institucional compromete a efetividade do processo inclusivo. **Objetivo:** Este estudo teve como objetivo geral relatar as dificuldades encontradas pelos professores ao promover atividades inclusivas nas aulas de Educação Física. **Métodos:** A abordagem metodológica utilizada trata-se de uma pesquisa qualitativa de natureza descritiva exploratória, onde foi utilizado um questionário como instrumento de coleta de dados, aplicado aos professores de educação física efetivos da rede

municipal de Floriano – PI. **Resultados:** Uma parcela significativa dos professores não possui formação específica sobre TEA, o que compromete não somente a prática pedagógica, bem como o principal protagonista desta realidade: o discente. Identificou-se também a carência de apoio técnico, estrutura física adequada e materiais pedagógicos adaptados. Além disso, os docentes relataram dificuldades na promoção da participação efetiva dos alunos com TEA nas atividades físicas. **Conclusão:** Conclui-se que, a inclusão de alunos com TEA nas aulas de Educação Física ainda apresenta entraves significativos, principalmente pela ausência de formação continuada e apoio institucional. Destaca-se, também, a necessidade de capacitação docente e ações efetivas e integradas entre escola, família e poder público para a efetivação de uma educação verdadeiramente inclusiva.

**Palavras-chave:** Educação física, educação especial, transtorno do espectro autista, dificuldades de inclusão.

## Introdução

Segundo o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-V, 2014), o Transtorno do Espectro Autista (TEA) é caracterizado por déficits nas habilidades de interação social e comunicação, além de padrões de comportamento, interesses ou atividades restritas e repetitivas. Nesse contexto, Nascimento, Bitencourt e Fleig (2021) apontam que, além dessas características, fatores como aspectos físicos, educacionais e a perda do controle motor seletivo — comuns em crianças com autismo — também podem impactar significativamente a atuação dos profissionais da saúde. Além das dificuldades enfrentadas pelos autistas no convívio social, seus familiares também vivenciam desafios, especialmente quanto à qualidade de vida, que tende a ser afetada pelas exigências do cuidado diário.

Deste modo, devemos considerar não apenas as características do transtorno em si e a dinâmica familiar, mas também o ambiente escolar que o indivíduo está inserido. Portanto, buscando atender as necessidades das pessoas com TEA e sua inclusão no âmbito social, Cabral, Falcke e Marin (2021) destacam que, “Atualmente, a educação inclusiva contempla a ampliação do espaço sociocultural da criança, no qual os papéis sociais e as exigências formais de aprendizagem apresentam-se como novas oportunidades de interação com outras pessoas e situações”.

Ademais, buscando garantir o direito à educação, a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, tem como objetivo: “[...] assegurar a inclusão escolar de alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação, orientando os sistemas de ensino para garantir: acesso ao ensino regular, com participação e aprendizagem [...]” (Brasil, 2008, p. 14).

Logo, Andrade (2023) reconhece que a inclusão escolar de crianças com deficiência, especialmente aquelas com TEA, trata-se de um desafio contínuo que exige uma mudança profunda na estrutura sociocultural. Além disso, a responsabilidade pela inclusão social das pessoas com deficiência deve ser compartilhada por toda a sociedade, sendo a escola uma das instituições com papel central nesse processo.

Por conseguinte, Santos et al. (2017) destacam que a Educação Física deve assegurar aos alunos com TEA as mesmas oportunidades de participação que aos demais estudantes, contribuindo para que se sintam parte ativa do processo educacional. Além disso, no âmbito da educação inclusiva, cabe à instituição de ensino desenvolver estratégias capazes de garantir tanto o acesso quanto à permanência desses alunos. Nesse contexto, Silva Junior (2012) ressalta a importância da Educação Física Adaptada, especialmente quando os alunos com autismo participam de forma regular e orientada de atividades psicomotoras, o que contribui significativamente para seu desenvolvimento.

Diante dessas características, Nunes (2024) afirma que, devido às variações nos níveis do espectro, exige-se um cuidado mais atento e uma atuação pedagógica mais criteriosa no processo de inclusão. Visto isso a metodologia adotada no trabalho com alunos com TEA pode, e muitas vezes deve, ser adaptada em diversos aspectos, como nas abordagens, nos conteúdos e na didática do professor. No entanto, segundo o mesmo autor, devido aos desafios relacionados às limitações cognitivas, à interação social e ao convívio desses estudantes no ambiente escolar, os professores enfrentam dificuldades ao trabalhar com alunos com TEA, como, lidar com as variações no espectro e realizar adaptações metodológicas eficientes. Esses obstáculos são agravados pela falta de estrutura adequada e um suporte adequado que atenda às necessidades específicas dos alunos com TEA.

Ademais, Poker, Valentim e Garla (2018) apontam que muitos professores reconhecem a inficácia de suas práticas inclusivas, em grande parte devido ao conhecimento limitado que possuem sobre o Transtorno do Espectro Autista (TEA). Essa falta de qualificação gera sentimentos de insegurança e despreparo, o que pode tornar desafiadora a permanência e a participação efetiva dos alunos com TEA nas aulas de Educação Física. Portanto, esta pesquisa tem como objetivo geral relatar as dificuldades encontradas pelos professores ao promover atividades inclusivas nas aulas de Educação Física.

## Métodos

A presente investigação adotou uma abordagem qualitativa, de caráter descritivo e exploratório. Realizou-se uma pesquisa de campo, classificada como transversal, tendo como público-alvo professores de Educação Física, de ambos os gêneros, efetivos no ensino básico das escolas pertencentes à rede municipal da zona urbana do município de Floriano – PI. Assim, o universo populacional da pesquisa compreende a 29 professores, do qual correspondem ao número amostral: 10 participantes, conforme aplicação dos critérios de exclusão definidos para o estudo.

Portanto, foram incluídos na pesquisa professores de Educação Física efetivos da rede municipal de Floriano-PI, que se encontravam em exercício durante o período da coleta

de dados. Excluíram-se os professores ausentes ou afastados por licença médica durante esse período, bem como aqueles que responderam ao questionário de maneira insatisfatória, tal como respostas incoerentes ou contraditórias em relação às perguntas formuladas.

Deste modo, os convites foram feitos por meio do aplicativo WhatsApp, com o intuito de verificar o interesse em participar da pesquisa. Após a confirmação, foram agendados encontros presenciais individuais em dias e horários convenientes para ambas as partes. Nesses encontros, foi entregue o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para ser assinado e um questionário de abordagem mista, onde os participantes foram orientados acerca do mesmo, bem como explicado e sanado quaisquer dúvidas para pudessem respondê-lo.

O questionário buscava investigar a experiência e a preparação de professores para trabalhar com alunos com TEA nas aulas de Educação Física, abordando aspectos como, formação acadêmica, contato prévio com alunos autistas, percepção de dificuldades, uso de estratégias específicas e recursos pedagógicos disponíveis. Além disso, questionava sobre a necessidade de adaptações e o sentimento de preparo para a inclusão. Tendo como objetivo, compreender como os docentes lidam com a inclusão e quais melhorias podem ser propostas.

A análise dos dados foi realizada com base no método de Análise de Conteúdo proposto por Bardin (2011). Esse método consiste em examinar os dados coletados por meio de questionários ou entrevistas que abordam um tema específico. O processo é dividido em três etapas: Pré-Análise, Exploração do Material e Tratamento dos Resultados. Após a coleta, os dados foram organizados e tabulados com o auxílio do software Microsoft Office Excel 2019, possibilitando a elaboração de tabelas e gráficos.

Este estudo foi submetido à Plataforma Brasil e ao Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), sob o Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) de número 79578724.0.0000.5209. A pesquisa foi conduzida conforme as diretrizes da Resolução nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde, que regulamenta estudos com seres humanos, assegurando a integridade e proteção dos participantes.

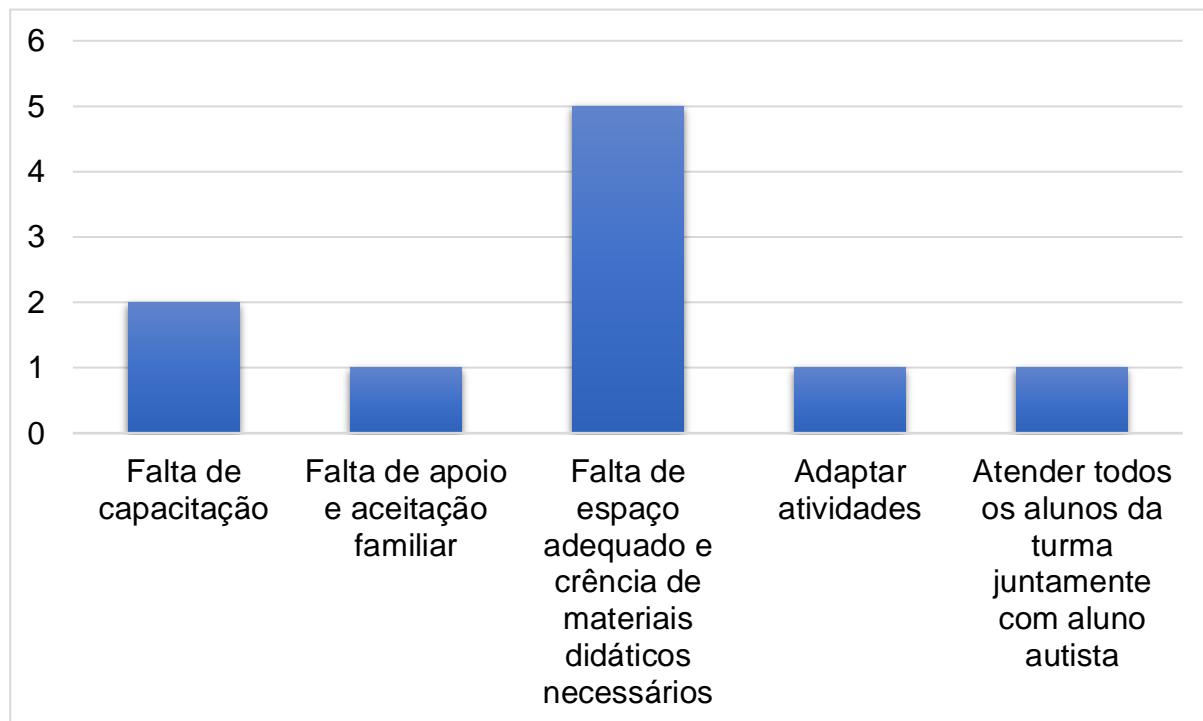
Além disso, a pesquisa respeitou os princípios de dignidade, liberdade e autonomia dos participantes, conforme previsto na Resolução nº 510/16. Esta resolução garante a participação consciente e voluntária em pesquisas científicas envolvendo seres humanos. A realização da pesquisa só ocorreu após a assinatura da Declaração de Infraestrutura, e posteriormente os participantes assinaram TCLE, confirmando sua participação voluntária antes do início do estudo.

## **Resultados:**

Conforme apresentado na Figura 1, os participantes relataram diferentes dificuldades enfrentadas ao desenvolver atividades inclusivas nas aulas de Educação Física. Dentre os desafios mais recorrentes, destacou-se a ausência de formação específica para o trabalho com alunos com TEA.

Também foi apontada, por uma parcela significativa dos professores, a falta de recursos pedagógicos adequados como um fator limitante para a promoção da inclusão. Além disso, alguns docentes indicaram dificuldades em realizar adaptações eficazes das atividades físicas para atender às necessidades dos alunos com TEA.

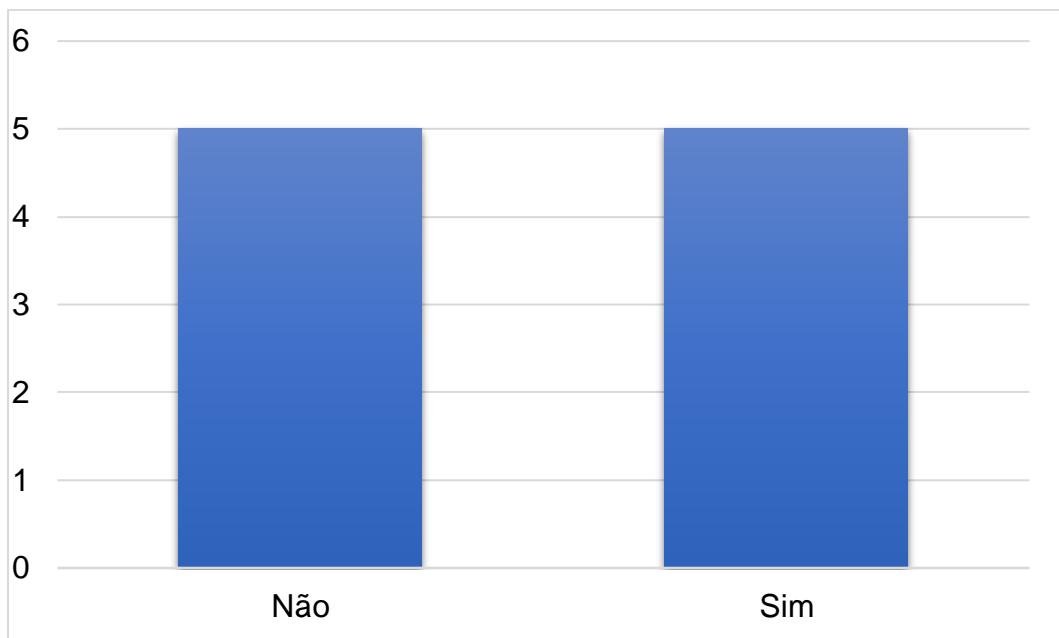
A falta de apoio e aceitação familiar também foi um aspecto citado que pode influenciar diretamente no desenvolvimento adequado das potencialidades do aluno com TEA. Outro ainda mencionou a dificuldade em atender todos os alunos da turma juntamente com o aluno autista.



**Figura 1 – Principais desafios encontrados ao promover atividades inclusivas.**

A Figura 2 demonstra a percepção dos participantes quanto à presença de disciplinas voltadas ao trabalho com alunos com TEA durante sua formação inicial. Houve equilíbrio entre as respostas, 5 participantes afirmaram ter tido contato com conteúdos relacionados ao autismo em componentes curriculares isolados. No entanto, dos outros 5 participantes (figura 2) que afirmaram que não tiveram disciplinas que abordasse o trabalho com autistas, somente

2 (figura 1) não tiveram acesso a cursos, capacitações, seminários ou palestras após a graduação.



**Figura 2 –** Havia disciplinas que abordassem o trabalho com alunos com TEA na graduação?

## Discussão

Considerando o objetivo geral desta pesquisa — relatar as dificuldades encontradas pelos professores ao promover atividades inclusivas nas aulas de Educação Física — os dados apontam diversos obstáculos enfrentados no cotidiano escolar. Dentre as principais dificuldades relatadas (Figura 1), destacam-se a falta de espaço adequado e a carência de materiais didáticos, problemas recorrentes em muitas escolas. A ausência de estrutura apropriada e de recursos pedagógicos pode contribuir para a desmotivação dos alunos em participar das atividades, o que, por sua vez, impacta negativamente na motivação dos professores. Estes, diante desse cenário, precisam constantemente se reinventar, adaptando atividades, materiais e metodologias para garantir o mínimo de participação e engajamento dos estudantes, o que acaba por dificultar um desenvolvimento mais pleno e inclusivo no ambiente escolar.

Segundo Carvalho, Barcelos e Martins (2020), a ausência de quadras esportivas em muitas escolas públicas, bem como as condições precárias das que existem, compromete significativamente a vivência dos alunos nas aulas de Educação Física e dificulta sua compreensão sobre a relevância dessa disciplina no contexto escolar.

De acordo com os dados do Censo Escolar da Educação Básica 2020, (INEP, 2021), quase metade das escolas brasileiras enfrenta a ausência de espaços para a realização de

prática esportiva. Esses dados revelam que, dentre as 135.263 escolas do ensino fundamental I ao ensino médio, 47% não dispõem de instalações para atividades esportivas. Quando se trata exclusivamente de quadras esportivas, esse índice diminui para 45,1% das escolas. Em relação aos materiais disponíveis para prática esportiva a situação se agrava ainda mais, apenas 40,6% das escolas de educação básica do Brasil possuem tanto espaços adequados quanto os materiais necessários. Isso pode ser considerado um grande problema para o desenvolvimento da educação física, especialmente quando se trata no desenvolvimento de atividades inclusivas.

A falta de apoio e aceitação familiar também foi um aspecto citado que pode influenciar diretamente no desenvolvimento adequado das potencialidades do aluno com TEA, uma vez que, a não aceitação do TEA por parte da família impede que a criança receba o tratamento adequado tanto a parte motora quanto psicológica e social, “[...] uma criança autista tem que ter cuidados e tem uma dependência dos pais intensa [...]” (Caparroz e Soldera, 2022). Com a evolução etária, os sinais tornam-se mais evidentes e sem o tratamento adequado, essa dependência pode aumentar ainda mais. Em casos mais leves de autismo, como o nível 1, com todos os tratamentos recomendados a dependência poderia ser mínima ou até mesmo inexistente. Estimular a autonomia da pessoa autista em todos os aspectos proporciona qualidade de vida tanto para ele quanto para a família.

Portanto, de acordo com Caparroz e Soldera (2022), a família exerce um papel fundamental na mediação entre a criança e o mundo, influenciando diretamente a forma como ela estabelecerá suas relações sociais. No caso de crianças com autismo, essa função torna-se ainda mais relevante, exigindo uma interação familiar bem compreendida e equilibrada para que o desenvolvimento da criança ocorra de maneira qualitativa.

Outro fator apontado foi a dificuldade em atender todos os alunos ao mesmo tempo. Devido a grande quantidade de crianças nas turmas, desenvolver atividades que incluam todos muitas vezes se torna uma tarefa difícil a ser cumprida. De acordo com Duso e Sudbrack (2009), um dos fatores que podem influenciar negativamente na qualidade do ensino é a grande quantidade de alunos nas salas de aula, uma vez que, em turmas com populações estudantis maiores, o atendimento individual, a aprendizagem, a avaliação e a interação professor-aluno, aluno-aluno são dificultadas. Quando se trata de turmas que contém alunos com necessidades especiais principalmente em instituições que não contam com cuidadores para auxiliar o aluno durante as aulas, o atendimento adequado torna-se ainda mais difícil.

Santos (2023) expõe que esse problema se torna ainda maior relacionado ao pouco espaço disponível para comportar estes alunos e garantir boas condições de aprendizagem a todos. Ademais, ressalta que para a gestão de algumas instituições, a consequências do baixo índice de desenvolvimento dos alunos podem gerar questionamentos a respeito do

trabalho desenvolvido pelo professor, em vez de voltar o olhar para as condições de trabalho fornecidas ao mesmo.

A falta de capacitação também se destacou como um dos fatores mais relevantes que dificultam a promoção de atividades inclusivas. Quando questionados sobre o preparo para trabalhar com alunos com TEA durante a graduação, as respostas demonstraram certo equilíbrio. No entanto, entre os cinco participantes que afirmaram não ter cursado disciplinas específicas sobre o autismo (Figura 2), apenas dois (Figura 1) relataram não ter tido acesso a cursos, capacitações, seminários ou palestras voltadas ao tema após a graduação.

No Brasil somente em 1987 foi implantada uma disciplina de educação especial nos cursos de graduação, resolução 3/87 do Conselho Federal de Educação. Apesar dos participantes terem em suas grades essa disciplina no período de graduação, a mesma era voltada para o trabalho com deficientes motores, deixando de lado os distúrbios de neurodesenvolvimento onde se classifica o TEA e outros transtornos como, Transtorno de Desenvolvimento Intelectual (TDI), Transtorno do Déficit de Atenção/Hiperatividade (TDAH), entre outros. Dentre os participantes que tiveram experiências com o trabalho com autistas, os mesmos relataram a vivência limitada, resumidas à teoria ou apenas uma intervenção que proporcionou o contato direto com autistas para desenvolver atividades voltadas para os mesmos. De acordo com Macedo (2021), a formação universitária muitas vezes não oferece um conteúdo adequado sobre autismo aos futuros profissionais de educação física, o que resulta na falta de preparo desses profissionais para atuar nesse mercado específico.

Logo, profissionais que tiveram experiência com alunos autistas durante sua formação acadêmica demonstraram atitudes mais favoráveis do que aqueles que não tiveram essa vivência, evidenciando a importância de promover interações mais frequentes com esses alunos durante a graduação. Atualmente, devido ao aumento na incidência de casos diagnosticados de TEA esse contato ocorre naturalmente, no entanto, é necessário direcionar esforços para a promoção de mais práticas pedagógicas, formas e estratégias para trabalhar de forma adequada diante das diversas particularidades do TEA.

Deste modo, Ranzan e Denari (2020) afirmam que, embora a obrigatoriedade da disciplina voltada para pessoas com deficiência nos cursos de Licenciatura em Educação Física represente um avanço importante, ainda há muitas lacunas que comprometem sua efetividade na formação profissional. Os autores destacam que, mesmo com uma carga horária ampla, essa disciplina isoladamente não é capaz de abranger toda a complexidade da área, sendo fundamental que haja articulação com outras disciplinas para promover uma formação mais completa e significativa.

Portanto, as dificuldades relatadas acima caracterizam as principais dificuldades encontradas na promoção de atividades inclusivas, mas estas não devem superar os esforços feitos para a melhoria do ensino. Responsabilidade não somente do professor em buscar

maneiras de superar essas dificuldades, Moreira (2019) ressalta a importância também da Secretaria de Educação do município em adotar medidas para identificar as dificuldades específicas dos professores em relação à inclusão de alunos com autismo, visando estudar e planejar, em colaboração com a Prefeitura, a realização de cursos de capacitação tanto para os participantes da pesquisa quanto para outros educadores. Além disso, projetos que visam melhorias nos espaços disponibilizados e na variedade de materiais nas escolas, é algo que também deve ser discutido para garantir o desenvolvimento de um trabalho mais eficaz de inclusão desses alunos.

#### *Pontos fortes e limitações do estudo*

Este estudo oferece contribuições relevantes ao apresentar estratégias de ensino adotadas pelos professores de educação física no trabalho com crianças com TEA, favorecendo o processo de inclusão desses alunos e fornecendo subsídios que podem enriquecer à formação docente, bem como os benefícios biopsicomotores para este público. Contudo, uma limitação da pesquisa foi o número reduzido de participantes, o que indica a possibilidade de ampliação em futuras investigações. Estudos posteriores com uma amostra mais abrangente e maior duração, incluindo a observação direta das aulas, poderão gerar resultados ainda mais consistentes e aprofundados.

#### **Conclusão**

Com base na análise dos dados obtidos, fica evidente que a inclusão de alunos com TEA nas aulas de Educação Física ainda encontra uma série de desafios que comprometem a efetividade das práticas pedagógicas. A falta de formação específica, a carência de recursos materiais e estruturais, o pouco apoio familiar e a sobrecarga docente diante de turmas numerosas foram os principais fatores destacados pelos participantes da pesquisa. Esses dados revelam um cenário onde, apesar do esforço individual de alguns profissionais, ainda persistem barreiras estruturais e formativas que dificultam a efetiva inclusão no contexto escolar.

Essa lacuna formativa reflete diretamente nas dificuldades relatadas pelos professores no planejamento e execução de atividades inclusivas, reforçando a necessidade de uma revisão curricular que conte com, de forma mais efetiva, a inclusão de alunos com deficiência, especialmente com TEA, na formação docente. Além disso, é fundamental que as políticas públicas avancem não apenas na oferta de capacitação continuada, mas também na melhoria das condições de trabalho dos educadores. A promoção de uma educação verdadeiramente inclusiva demanda um compromisso coletivo que envolva professores, gestores, famílias e o poder público, com foco na criação de ambientes mais acessíveis, acolhedores e preparados para atender à diversidade dos estudantes.

*Declaração de conflito de interesses*

Não há nenhum conflito de interesses no presente estudo.

*Declaração de financiamento*

Financiamento próprio.

**Referências**

American Psychiatric Association. (2014). *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais* (5<sup>a</sup> ed.; M. I. C. Nascimento, Trad.). Artmed. (Obra original publicada em 2013)

Andrade, J. S. (2023). *Crianças com o transtorno do espectro autista na educação infantil: Aspectos legais e pedagógicos* (Dissertação de mestrado, Universidade Federal da Bahia).

Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70.

Brasil. Conselho Federal de Educação. (1987). *Resolução nº 3, de 10 de junho de 1987*. Diário Oficial da União.

Cabral, C. S., Falcke, D., & Marin, A. H. (2021). Relação Família-Escola-Criança com Transtorno do Espectro Autista: Percepção de Pais e Professoras. *Revista Brasileira De Educação Especial*, 27, e0156.

Caparroz, J., & Soldera, P. E. S. (2022). Transtorno do espectro autista: impactos do diagnóstico e suas repercussões no contexto das relações familiares. *Open Minds International Journal*, 3(1), 33-44.

Carvalho, J. P. X., Barcelos, M., & Martins, R. L. D. R. (2020). Infraestrutura escolar e recursos materiais: desafios para a educação física contemporânea. *Humanidades & Inovação*, 7(10), 218-237.

Duso, A. P., & Sudbrack, E. M. (2009). Política educacional: Para além da racionalidade econômica – Questionando a enturmação [Educational policy: Beyond economic rationality – Questioning school grouping]. *Revista de Ciências Humanas*, 10(15), 21–42.

Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. (2021). *Censo da Educação Básica 2020: Resumo técnico*. Inep.

Macedo, P. L. D. (2021). *Atuação e formação para o trabalho com crianças autistas: Estamos preparados?* (Trabalho de conclusão de curso, Universidade Federal da Paraíba).

Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. (2008). *Política nacional de educação especial na perspectiva da educação inclusiva*. MEC.

Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. (2012). *Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012*.

Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. (2016). *Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016*.

Moreira, M. G. (2019). *Educação especial: Dificuldades de inclusão de alunos com TEA nas aulas de Educação Física* (Trabalho de conclusão de curso, Universidade Estadual do Piauí).

Nascimento, I. B. do., Bitencourt, C. R., & Fleig, R. (2021). *Estratégias para o transtorno do espectro autista: interação social e intervenções terapêuticas*. Jornal Brasileiro De Psiquiatria, 70(2), 179–187.

Nunes, E. V. S. (2024). *Dificuldades e desafios no trabalho dos professores de educação física diante do aumento dos alunos com transtorno de espectro autista na escola regular* (Trabalho de conclusão de curso, Universidade Estadual de Goiás).

Poker, R. B., Valentim, F. O. D., & Garla, I. A. (2018). Inclusão no ensino superior: a percepção de docentes de uma instituição pública do interior do estado de São Paulo. *Psicologia Escolar e Educacional*, 22, 127-134.

Ranzan, M. E., & Denari, F. E. (2020). Disciplina específica para pessoas com deficiência e demais disciplinas nos cursos de educação física. *Brazilian Journal of Development*, 6(7), 52194-52201.

Santos, C. N. da S., Silva, K. B., Santos, R. P. C., & Silva, F. K. R. (2017). A contribuição das aulas de educação física para a inclusão do aluno com TEA. *Encontro Alagoano de Educação Inclusiva*, 1(1).

Santos, L. (2023). *A quantidade de alunos afeta o desempenho em sala de aula. Unificada: Revista Multidisciplinar da FAUESP*, 5(2), 30–36.

Silva Júnior, L. P. (2012). *Avaliação do perfil motor de crianças autistas de 7 a 14 anos frequentadoras da Clínica Somar da cidade de Recife-PE* (Dissertação de mestrado, Universidade Federal da Paraíba). Campina Grande, PB.